

## A vivência do Carnaval em Roma na aurora da Modernidade ou a felicidade profana como condição para a felicidade do sagrado<sup>1</sup>

Paulo Catarino Lopes\*

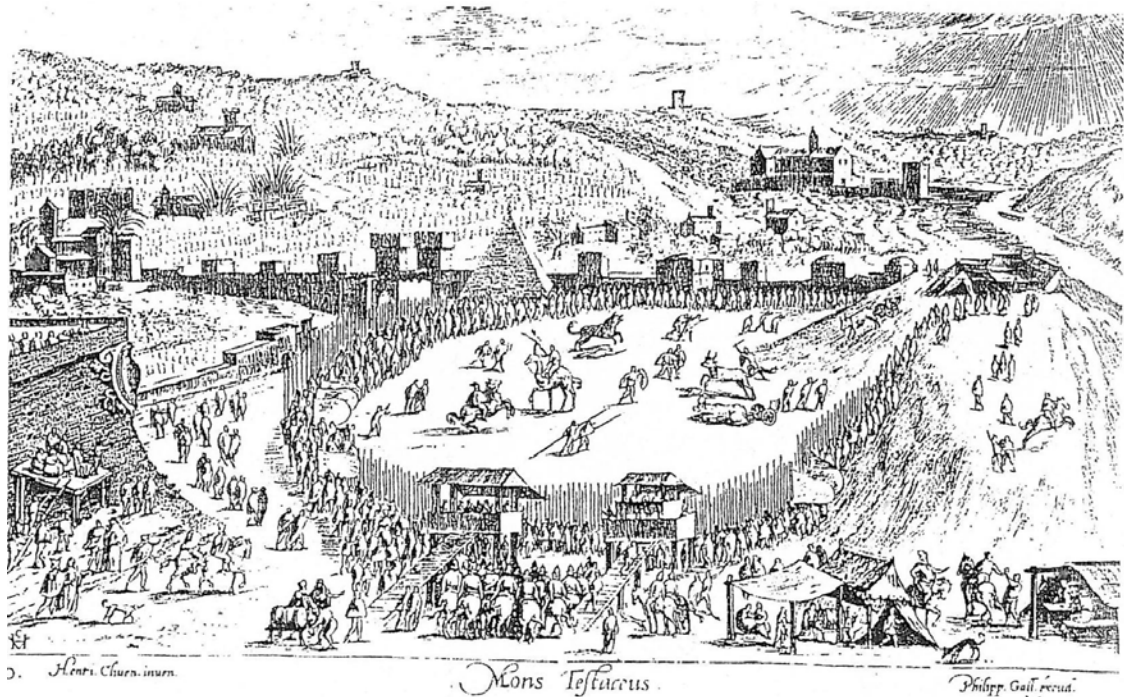


Imagem 1: Festa carnavalesca no monte Testaccio (“monte Trastado”), em Roma. Gravura de Hendrick van Cleef III de cerca de 1550.

Muito já se escreveu sobre as origens do Carnaval, a complexidade (e fascínio) do conceito *per se* e, inclusivamente, sobre o próprio alcance etimológico do vocábulo. Não são, pois, estas as problemáticas que nos propomos desenvolver aqui – até porque o espaço disponível não o permite. Pretendemos antes reflectir sobre a especificidade de um momento (a sua riqueza, singularidade e complexidade, nomeadamente ao nível das interrogações multidisciplinares que levanta) que consideramos fundador na construção do imaginário festivo contemporâneo, a saber, o Carnaval em Roma na viragem do século XV para o século XVI<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido no âmbito do projecto de Pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com a referência: SFRH/BPD/97963/2013.

\* IEM-CHAM-FCSH/NOVA-FCT.

<sup>2</sup> Para aprofundar esta temática veja-se Fabrizio CRUCIANI, *Il teatro del Campidoglio e le feste romane del 1513*, Milano, Il Polifilo, 1969; Idem, *Teatro nel Rinascimento: Roma 1450-1550*, Roma, Bulzoni, 1983; Jean DELUMEAU, *Rome au XVIe Siècle*, Paris, Hachete, 1975; Ignazio CANTÙ, *Il carnevale italiano. Omero, teatri, maschere e feste presso gli antichi e moderni. Storia utile-amena narrata ai giovani*, Milano, Vallardi, 1872;

Dito de outro modo, é nosso propósito observar de forma crítica a vivência do Carnaval na capital da Cristandade no despertar de Quinhentos e o modo como essa mesma vivência acaba por impor a felicidade profana como *conditio sine qua non* para o acesso à felicidade do sagrado. Tudo tendo por pano de fundo uma eficaz promoção e gestão do entrudo em termos de agenda político-governativa por parte da cúria pontifícia.

É que, de facto, o Carnaval não mais voltou a ser o mesmo depois desta época de viragem – também neste domínio o espírito de renovação do humanismo e do Renascimento, seja em termos políticos, culturais, civilizacionais, económicos ou simplesmente lúdicos, deixou uma marca profunda.

Tal exercício desenvolver-se-á tendo por alicerce o testemunho directo de um viajante português que habitou em Itália entre 1510 e 1517 e experienciou, em primeira mão, as múltiplas facetas do entrudo romano coevo. Naturalmente, antropologia cultural, etnologia e psicossociologia são conceitos que, na qualidade de princípios orientadores, surgem de mãos dadas com a História nas páginas que se seguem.

A 21 de Maio de 1510, um anónimo fidalgo criado do 4.º duque de Bragança, D. Jaime (1479-1532), parte de Chaves em direcção a Roma, para só regressar a Portugal em Setembro de 1517. Com base nessa passagem por terras italianas redige, mais tarde, um extenso relato intitulado *Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauces cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgências, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi estene*.<sup>3</sup>

O único destinatário do texto – que passou a ser conhecido como *Memórias de um Fidalgo de Chaves*<sup>4</sup> – é o próprio 4.º duque de Bragança, D. Jaime:

“E feita oração me fui apouentar A çidade onde estiuete sete anos E onze dias, trabalhando neste tempo de ver E de saber as cousas notauces que se em Roma E naquellas partes passaram pera dellas saber dar conta a vossa Jlustrissima senhoria.”<sup>5</sup>

Testemunho privilegiado de um «olhar português» sobre a Roma do Renascimento no dealbar do século XVI<sup>6</sup>, este singular documento reserva uma atenção especial à vivência do Carnaval na capital da Cristandade.

---

Maria Cristina BIAGI, *Il carnevale romano*, Roma, Ass. alla Cultura, 1988; Sergio GENSINI, *Roma capitale (1447-1527)*, Roma, Pacini, 1994; Vittorio GLEIJESES, *Piccola storia del Carnevale*, Napoli, s. n., 1978.

<sup>3</sup> “Tratado que hum criado do duque de braguança escreueo pera sua senhoria dalgumas notauces cousas que vio hindo pera Roma. E de suas grandezas E Jndulgências, E grandes aconteçimentos que laa socçederam em espaço de sete años que hi esteue.” in *Colección de Don Luis de Salazar y Castro*, N-76 / Varios Portugueses, Signatura 9/I.081, hojas 136 a 227v, Madrid, Real Academia de la Historia.

<sup>4</sup> A partir daqui, a designação da obra surgirá sempre de forma abreviada: *Memórias*. Integrado na célebre *Colección de Don Luis de Salazar y Castro* da Academia de História de Madrid, este documento ocupa os fólhos 136r – 227v de uma miscelânea portuguesa, manuscrita e encadernada em pergaminho, que totaliza 250 fólhos e contém 39 peças. Trata-se muito provavelmente da cópia manuscrita de um original perdido em língua portuguesa, de autor anónimo. Apesar de não incluir qualquer data, o longo manuscrito, constituído por 92 fólhos redigidos ao que tudo indica por um único copista, apresenta uma caligrafia que o coloca cronologicamente na segunda metade do século XVI. Veja-se Baltasar CUARTERO Y HUERTA y Antonio de Vargas-Zúñiga y MONTERO DE ESPINOSA (ed.), *Índice de la colección de Don Luis de Salazar y Castro*, Tomo XL, Madrid, Real Academia de la Historia, 1968, pp. 188-197.

<sup>5</sup> *Memórias*, fl. 139v.

<sup>6</sup> Cf. Aníbal Pinto de CASTRO, “Uma Voz do Diálogo Luso-Italiano na Época de Quinhentos, a do ‘Fidalgo de Chaves’” in *Mare Liberum*, n.º 2, Lisboa, CNCDP, 1991, pp. 7-16; Eugenio ASENSIO, “Memórias de Um Fidalgo de Chaves (1510-1517), Descripción de la Roma de Julio II y León X” in *Memórias da Academia das Ciências*, Classe Letras, tomo XIII, Lisboa, Academia das Ciências, 1970, pp. 7-28.

Roma é uma cidade em festa, seja pela via do sagrado seja pelas celebrações de carácter profano<sup>7</sup>. E neste quadro, enquanto paradigmática exuberância de modos e de comportamentos, o Carnaval é rei e senhor. É o auge de todo um imaginário colectivo, de um momento realmente único em que triunfa o «mundo ao contrário» – *il mondo a la roveschia* –, um fenómeno psicossociológico que transcende barreiras sociais, culturais, políticas, religiosas e de género:

“coResse paleo de muitos asnos com muitas envenções de gentilezas E de quedas. coReram muitos mançebos Judeus os quaes hiam nuus com panos menores E descalços com ligeireza grande. coReram as molheres que estauam no aJuntamento publico do castelo de santangelo atee o paço E hiam nuas da çinta pera Riba.”<sup>8</sup>

O Carnaval excede os obstáculos políticos no sentido em que coloca num mesmo conjunto de festividades e a partilharem da mesma emoção colectiva facções contrárias – no caso de Roma um bom exemplo são as facções políticas encabeçadas pelas famílias Orsini e Colonna, a cujas disputas o autor dedica particular atenção ao longo de todo o seu testemunho. No entanto, tal cenário não é sinónimo da inexistência de interesses estratégicos entre os detentores do poder político e a vivência do entrudo. Muito pelo contrário, como o autor demonstra em relação a ambos os pontífices com quem contacta durante a sua estada na capital da Cristandade, Júlio II (1443-1513, papa desde 1503)<sup>9</sup> e Leão X (1475-1521, papa desde 1513)<sup>10</sup>, o Carnaval é, no seu todo, um monumental espectáculo promovido pelo poder, o que, tratando-se de Roma, envolve directamente a cúria<sup>11</sup>.

Por outras palavras, o Carnaval em Roma, pela dinâmica intrínseca e na medida em que activa uma movimentação do individual para o colectivo, desencadeia uma solidariedade pautada pela uniformização de atitudes e (decorrente desta) mobiliza a comunidade no seu todo. É justamente neste quadro que coloca em comunhão adversários políticos e, em consequência, transcende barreiras políticas.

Todavia, noutra vertente, constitui o palco por excelência da representação do poder e, conseqüentemente, do jogo político. Esta associação com a esfera política processa-se por duas vias que se interpenetram e alimentam mutuamente: em primeiro lugar, porque é precisamente o poder que está na base do seu pleno funcionamento e concretização (neste sentido, o Carnaval é, sem qualquer dúvida, um poderoso instrumento de propaganda ideológica); depois, porque o

---

<sup>7</sup> Veja-se Antonio PINELLI, *Roma del Rinascimento*, Roma, GLF Editori Laterza, 2007; Charles STINGER, *The Renaissance in Rome*, Bloomington, Indiana University Press, 1998; Maria Antonietta VISCEGLIA, *La città rituale: Roma e le sue cerimonie in età moderna*, Roma, Viella, 2002; Paolo PORTOGHESI, *Roma del Rinascimento*, 2 vols., Milano, Electa, 1971; Partridge LOREN, *The Renaissance in Rome*, London, The Everyman Art Library, 1996.

<sup>8</sup> *Memórias*, fl. 182r.

<sup>9</sup> Nascido *Giuliano della Rovere*, este frade franciscano sobrinho do papa Sisto IV (1414-1484, pontífice desde 1471) foi nomeado cardeal em 1471, pouco depois de o seu tio ascender ao pontificado. Ficou conhecido como «o Papa guerreiro» ou «o Papa terrível».

<sup>10</sup> Segundo filho de Lourenço, o *Magnífico* (1449-1492), Giovanni di Lorenzo de Médici, futuro papa Leão X, foi nomeado cardeal com apenas 16 anos.

<sup>11</sup> As fontes coevas confirmam esta premissa. Veja-se Alessandro ADEMOLLO (ed.), *Alessandro VI, Giulio II e Leone X nel Carnevale di Roma. Documenti inediti (1499 – 1520)*, London, Elibron Classics, 2002 (Replica of 1886 edition, Firenze); Paride GRASSI, *Il Diario di Leone X di Paride De Grassi, Maestro delle cerimonie pontificie*. Dal volumi manoscritti degli Archivi Vaticani della S. Sede, Mariano Armellini (a cura di), Roma, Tipografia della Pace, 1884. Para aprofundar esta temática consulte-se Christoph FROMMEL, *Architettura alla corte papale nel Rinascimento*, Milano, Electa, 2003; Clara ALTAVISTA, Lucca GUINIGI, Paolo GUINIGI, *La costruzione di una corte rinascimentale: città, architettura, arte (1400-1430)*, Pisa, ETS, 2005; Ennio INNOCENTI, *Storia del potere temporale dei papi*, Napoli, Grafite, 2001; Pierre RODOCANACHI, *Histoire de Rome: une cour princière au Vatican pendant la renaissance*, Paris, Hachette, 1925.

explosivo período correspondente ao entrudo estabelece – agora na perspectiva inversa – uma via privilegiada para a edificação e consolidação do poder por parte de quem o promove, ou seja, o vértice da corte clerical romana<sup>12</sup>.

Neste ponto é de reter que o Carnaval na aurora da modernidade surge intimamente associado à ascensão do papado enquanto líder de um Estado secular, os Estados da Igreja, com ambições políticas e territoriais bem marcadas, ao ponto de rivalizar com os grandes potentados italianos da época, a saber, as Repúblicas de Florença e de Veneza, o ducado de Milão e o reino de Nápoles. Na essência, o Carnaval é uma eloquente e sedutora «mostra» do poder papal, contribuindo fortemente para confirmar a cidade de S. Pedro como grande centro de poder político da época.

Pleno de cortejos públicos tão exóticos quanto grandiosos, o entrudo romano é sinónimo de difusão e fixação internacional de uma imagem de poder por parte da cúpula governativa dos Estados da Igreja. E, por esse facto, é profundamente politizado – o sucesso político que está na sua base é fruto da mais eficaz acção governativa.

O carnaval é festa. E festa é poder<sup>13</sup>. Daí que os sumos pontífices deste período de charneira na complexa e atribulada história da Europa adoptem o entrudo como tópico político prioritário na agenda governativa do vaticano. Nestes anos explosivos, o Carnaval transforma-se, efectivamente, quer num objectivo fundamental a concretizar quer num princípio orientador ao longo dos governos pontificais, muito em particular entre Alexandre VI (1431-1503, papa de 11 de Agosto de 1492 até a data da sua morte)<sup>14</sup> e Leão X<sup>15</sup>.

Neste sentido, o Carnaval romano integra-se de forma absoluta na premissa de Maquiavel (1469-1527) de que o bom governante tem necessariamente como grande prerrogativa a necessidade de conquistar o poder, conservá-lo, exercê-lo e ainda defendê-lo<sup>16</sup>.

Isento de limites e condicionamentos de ordem social, de género ou de nacionalidade, o Carnaval romano a todos deslumbra, tornando-se por isso demasiado valioso para não integrar o vértice do programa estratégico da cúria, quer enquanto factor de instrumentalização política e governativa quer enquanto elemento fundamental em termos de proveito económico<sup>17</sup> e de gestão do calendário (leia-se do quotidiano) festivo da grande urbe.

---

<sup>12</sup> Veja-se Alberto TENENTI, Ugo TUCCI (a cura di), *Il Rinascimento: politica e cultura*, Roma, Istituto della Enciclopedia italiana, 1996; Mario SANFILIPPO, *Il carnevale di Roma*, Milano, F. Motta, 1991; Vittorio Franchetti PARDO, *Roma: la città dei papi, dal 1417 al 1870*, Milano, Fenice, 2000, 1994.

<sup>13</sup> Cf. Carlos Guardado da SILVA (coord.), *História das Festas, Torres Veteras VIII*, Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Torres Vedras / Universidade de Lisboa, 2006.

<sup>14</sup> Rodrigo Bórgia, pai de César Bórgia (1475-1507). Investido duque Valentino, em 1498, pelo rei Luís XII de França, que ambicionava um papa aliado, César Bórgia tornou-se o modelo para o livro *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel, com quem conviveu durante algum tempo. Tentou, com o apoio do pai já enquanto papa Alexandre VI, constituir um principado na Romanha, em 1501. Foi cardeal de 1493 a 1498, momento em que abandona a carreira religiosa para assumir a vocação guerreira.

<sup>15</sup> Consulte-se Arnold Harris MATHEW, *The life and times of Rodrigo Borgia, Pope Alexander VI*, London, S. Paul & co., 1912; Jacques HEERS, *La Roma dei papi ai tempi dei Borgia e dei Medici, 1420-1520*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2001; Orestes FERRARA, *The Borgia Pope, Alexander The Sixth*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2006.

<sup>16</sup> Cf. Christian BEC, “Introduction” in *Machiavel, Oeuvres complètes I – Le Prince précédé des premiers écrits politiques*, Paris, Garnier, 1987, pp. 9-44; James Henderson BURNS (ed.), *The Cambridge History of Political Thought 1450-1700*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991; Nicolau MAQUIAVEL, *O Príncipe*, Diogo Pires Aurélio (ed.), Lisboa, Círculo de Leitores/Temas e Debates, 2008; Sebastian DE GRAZIA, *Machiavelli all’inferno*, Rome-Bari, Laterza, 1990.

<sup>17</sup> Pela actividade comercial que envolve e pelo turismo que já nesta época promove – como as *Memórias* demonstram, independentemente das motivações e da condição social, o facto é que as pessoas dirigiam-se à *Cidade Eterna* para ver e participar no, já então, célebre Carnaval romano.

Receptáculo de toda uma linguagem e de toda uma simbólica associada à prática da autoridade<sup>18</sup>, o Carnaval estabelece com o poder uma íntima relação de causa/efeito (o seu sucesso nasce de uma vontade política, para cujo fortalecimento e legitimidade acaba, num segundo momento, por contribuir de forma determinante; ou seja, as inegáveis vantagens políticas que resultam do seu enorme êxito conduzem ao aumento de poder por parte de quem o promove)<sup>19</sup>.

Torna-se claro, por tudo isto, que boa parte da legitimidade do Carnaval enquanto fenómeno social, cultural e económico reside no domínio do político e respectivos programas estratégicos:

“a festa do campo naguão se faz quinta feira das comadres, na qual festa se fazem muitos caRos triunfaes nos quaes Representam muitas estorias. E por que o papa [Leão X] mostraua deseJo de meter paz antre os Reis christãos, em hum destes caRos se Representou o templo de Jano çerrado E a statua do papa dentro com a mão aleuantada sobre figuras de homens de guerra A maneira de paz (...).”<sup>20</sup>

Estamos, em última análise, perante um singular movimento dialéctico ao nível do exercício efectivo (e do controle) da autoridade política: o Carnaval é fonte e simultaneamente produto do poder. Ao mesmo tempo que se alimenta e depende da vontade e da acção política, ele próprio sustenta a esfera governativa e de potestade.

O autor fornece um exemplo paradigmático desta estreita relação (podemos mesmo falar de dependência) ao destacar que, mesmo prestes a morrer, Júlio II mantém as festividades do calendário da cidade, pois tudo deve aparentar que o poder e a autoridade conservam-se inalterados e a ordem continua em vigor<sup>21</sup>. Afinal, o importante é “dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes negoçios”<sup>22</sup>:

“Como o papa adoeçeo E passados çincoenta dias deu a alma a deus. E do que neste meo tempo se fazia em Roma.

Era o papa Jaa mui velho, E doente de boubas, E tinha praguas nas pernas das quaes o curaua hum fisico Judeu seu priuado. E por nam poder andar a pee faziasse sempre trazer em colos domens assentado em huma cadeira. E tinha moços da estribeira mui bem despostos que ho traziam a que daua tanta Renda que muitos fidalguos E homens de muito mereçimento trabalhauam por ser Reçebidos de Sua Santidade naquelle foro. (...) E Jsto se fez durando sua doença. as mascaras nam se deixaram de fazer com muita paz E assesseguo. na festa do campo naguão foram dezoito carros triunfaes. E antre as outras estorias foi Representado como os françeses foram lançados de italia. os meninos que

---

<sup>18</sup> Para aprofundar a temática da representação simbólica do poder consulte-se Bertrand RUSSELL, *O poder: uma nova análise social*, Lisboa, Fragmentos, 1993; Pierre BOURDIEU, *O poder simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

<sup>19</sup> Veja-se Jean-Claude CARRIERE, *Le carnaval et la politique. Une introduction à la comédie grecque*, Paris, Les Belles Lettres, 1979; Jérôme NICOLAS, *Le carnaval: un imaginaire politique*, Thèse université Lumière, Lyon, 2006; Maurizio GATTONI, *Leone X e la geo-politica dello stato pontificio (1513–1521)*, Città del Vaticano, Archivio Segreto Vaticano, 2000; Paolo PRODI, *Il sovrano pontefice. Un corpo e due anime: la monarchia papale nella prima età moderna*, Bologna, Il Mulino, 2006; Idem, *The Papal Prince. One Body and Two Souls: The Papal Monarchy in Early Modern Europe*, Cambridge, Press Syndicate of the University of Cambridge, 1987.

<sup>20</sup> *Memórias*, fl. 182r.

<sup>21</sup> Veja-se Christine SHAW, *Julius II: The Warrior Pope*, Oxford, Blackwell Publishers, 1996; Julian KLACZKO, *Rome and the Renaissance: The Pontificate of Julius II (1503)*, Whitefish, Kessinger Publishing, 2007; Louis-Nazaire BÉGIN, *La primauté et l'infaillibilité des souverains pontifes: Leçons d'histoire données à l'Université Laval*, Québec, L.H. Huot, 1873.

<sup>22</sup> *Memórias*, fl. 168r.

caualguauão aquelle dia ao costume antigo foram com mais ventaJem de vestidos E ornados de seda E pedras preçiosas que em nenhum outro dia que os visse em todo o tempo que em Roma estieue. E assi a Jente foi mais armada E de mui limpas armas. E os Romanos fizeram naquelle dia mui Rico cada falso E assentos de suas pessoas em campo naguom. as diuisas E vestidos do senhor João Jorge çesarino alferes de Roma E as bandeiras de maiores despesas. CoReramse os paleos assi Ricos segundo comum ordenança. E os touros E caRetas de monte trastacho E todas aquellas acostumadas festas forão feitas com muitos cumprimentos. E tudo foi mandado E ordenado pollo papa pera dar a entender aos de fora que a fim de seus dias nam era tam cheguada, por que compria assi por bem dos grandes negoçios [.] passado o dia dentruído em que se as derradeiras festas çelebram andados poucos dias da coresma, mostrando sua santidade sinaes de cristianissimo pontifico deu sua alma a deus. foi sepultado na JgreJa de sam pedro. com solennes exequias.”<sup>23</sup>

Também o papa Leão X, destacada figura da poderosa família dos Médici, não perde uma oportunidade tão preciosa como o Carnaval para promover a sua Casa e os seus interesses familiares e clientelares<sup>24</sup>. Isto porque a festa inscreve-se no domínio dos costumes e da cultura, tópicos que na Itália do Renascimento, significam política e, inevitavelmente, poder.

Com ambições bem determinadas, o vigário de Cristo oriundo da magnificente Florença conserva esta máxima como princípio orientador ao longo de todo o seu pontificado. É o regresso efectivo a Roma do imperial *panem et circenses*:

“aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de molheres pubriças. coReram bufalos nos quaes vão caualgando Romanos mui prinçipaes com mascaras. traz o bufalo huma arguola metida no nariz na qual vai encaixado hum pao que o que vai ençima delle leua na mão com que ho guoverna. E na outra mão leua outro pao com hum aguilhão com que ho fere pera o fazer andar. Ja os tem amestrados pera coRer aquelle caminho. aJuntanse em campo de frol, onde estão pessoas ordenadas que lhes dam ordem E sinal pera mouerem. cada hum trabalha por tomar a dianteira. velos hir pollas Ruas E o trabalho dos que vão nelles pera os fazer hir adiante, hee cousa bem pera Rir. são alimarias mui pesadas E de propriedade que achando aguo se deitam nella. E com grande trabalho os podem dali tirar. E por Jssso Açinte lhes deitão aguo nas Ruas pera Rir com elles. E a esta causa os que vem detras passam adiante. cheguando ao paleo acontece estar çercado delles, E de nam aver Remedio pera os fazer chegar a elle. E o que vem maes atras chegua E vence.”<sup>25</sup>;

Teatralização do poder papal? Sem dúvida! Mas com um alcance notável ao nível dos resultados, pois todos os momentos envolvem de uma forma ou de outra a participação abonatória da cúpula religiosa da Cristandade.

O Carnaval romano assemelha-se a um monumental triunfo do papa e da cúria, bem como do povo que lidera. A grandiosidade que exprime, a alegria contagiante que dissemina, o espírito que lhe subjaz e a magnificência «régia» que propagandeia, ao mesmo tempo que simbolizam e veiculam uma sólida imagem de poder, estão de acordo com o espírito humanista e renascentista

---

<sup>23</sup> *Memórias*, fls. 167v. e 168r.

<sup>24</sup> Veja-se Alessandro FERRAJOLI, *Il ruolo della Corte di Leone X, 1514-1516*, Vincenzo De Caprio (a cura di), Roma, Bulzoni, 1984; Carlo FALCONI, *Leone X. Giovanni de' Medici*. Milano, Rusconi, 1987; Domenico GNOLI, *La Roma di Leone X*, Milano, Editore Ulrico Hoepli, 1938; Francesco NITTI, *Leone X e la sua politica, secondo documenti e carteggi inediti*, Firenze, Barbera, 1892.; Jean AUDIN, *Histoire de Léon X et de son siècle*, 2 vols., Paris, L. Maisson, 1850; Pierre RODOCANACHI, *Histoire de Rome: le pontificat de Léon X, 1513-1521*, Paris, Hachette, 1931 ; William ROSCOE, *Life and Pontificate of Leo X*, 4 vols., Philadelphia, Lorenzo Press Of E. Bronsok, 1805.

<sup>25</sup> *Memórias*, fl. 182r.

que caracteriza a Itália e em particular a Roma de então, apesar dos sangrentos conflitos que à época devastam a Península. Durante o Carnaval os Estados da Igreja dão-se em espectáculo e à boa maneira da *Mirabilia Urbis* renascentista, o espectáculo é muito bem acolhido:

“todos estes paleos deram prazer (...). os paleos dos caualos barbaros [,] eguoas, turcos, E ginetes se coRem no campo de trastacho [,] estes paleos estão em huma muito comprida aste, E são do comprimento da mesma aste. E na parte do alto da aste estão pintadas as figuras daquelles que os coRem.”<sup>26</sup>

Apoteótico triunfo do corpo, do profano e do selvagem humano, o Carnaval é transversal a toda a sociedade romana e envolve as múltiplas facetas da sua existência, como os jogos, a alimentação, o vestuário, as competições equestres, as corridas de touros, os desfiles de carros triunfais e as representações teatrais, geralmente de uma farsa ou uma paródia:

“Passando as cousas desta maneira o manifico Julião Jrmão do papa se fez cidadão de Roma em capitolio onde mandara fazer de madeira hum grande teatro A maneira do coliseu cuberto de pano de lenço pintado de preto E branco destorias antiguas na perfeição que as sabem os pintores de Roma fazer. todalas outras cousas erão de Real aparato por que ali eram Juntos a maior parte dos senhores E cidadãos Romanos. durou a festa E o convite hum dia E parte da noute onde nam faltaram comedias E todolos generos de Jograes E ministrees.”<sup>27</sup>

Tudo ferve de vida e alegria nas ruidosas praças e ruas de Roma durante o Carnaval. Pressente-se esta vibração, que muito deve à observação empírica e à experiência em primeira mão, nas descrições do anónimo autor para quem a *Cidade Eterna* remete sempre para os conceitos de grandioso, colossal e magnífico<sup>28</sup>. Roma não se apresenta aqui apenas como sinónimo de mundo. Ela é *Caput Mundi*<sup>29</sup>:

“E por Jssso hee Roma cabeça das cidades do mundo, que o que em outras partes seria grandemente estranhado E avido por desonesto, se tem ali por gentileza louvor E honrra E nobreza da corte.”<sup>30</sup>

Segundo o viajante flaviense, esse estatuto de “cabeça das cidades do mundo” advém precisamente do facto de ser *diferente* ao nível do juízo moral e da avaliação das práticas e dos costumes, situação tanto mais insólita tratando-se da capital da Cristandade mas a que não é alheia o facto de à época o topo da Igreja estar a viver uma profunda fase de mundanização e temporalidade<sup>31</sup>.

---

<sup>26</sup> *Memórias*, fl. 182r.

<sup>27</sup> *Memórias*, fls. 177v e 178r.

<sup>28</sup> Veja-se Sylvie DESWARTE, *La Rome de D. Miguel da Silva (1515-1525)*, Sep. *O Humanismo Português 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988; Idem, *Un Nouvel Age d'Or: la Glorie des Portugais à Rome Sous Jules II et Léon X*, Sep. *Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1993.

<sup>29</sup> Consulte-se Ferdinand GREGOROVIVUS, *Storia di Roma nel medioevo*, vol. VI, 1503-1534, Roma, Newton Compton Italiana, 1972.

<sup>30</sup> *Memórias*, fl. 183v.

<sup>31</sup> Cf. John Rigby HALE, *A Civilização Europeia no Renascimento*, Lisboa, Editorial Presença, 2000; Peter BURKE, *Cultura e società nell'Italia del Rinascimento*, Bologna, Il Mulino, 2001; Idem, *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*, Madrid, Alianza, 1993; Idem, *Scene di vita quotidiana nell'Italia moderna (1350-1550)*, Milano, Feltrinelli, 1967.

O calendário festivo e de celebração desta extraordinária urbe constitui-se num autêntico quotidiano dentro do quotidiano<sup>32</sup>. Com efeito, pela espectacularidade que assumem, pela importância de que se revestem e pela frequência com que ocorrem, as festividades romanas continuamente surpreendem e fascinam o autor. E, neste quadro, o Carnaval destaca-se como o ponto culminante (e definidor) quer das festas, quer da vida comunitária<sup>33</sup>. Nem a Quaresma, de cuja eficácia é condição, o ultrapassa:

“naquelle dia caualguão muitos meninos filhos de príncipaes Romanos com vestidos de suas pessoas E os caualos com albardilhas guarneçidos ao modo antigo. nestes meninos se mostram todalas pedras E perlas que os paes E parentes tem E podem aver de seus amigos. vão com elles moços destribeira despostos E mui bem vestidos, que lhes governam os caualos E tem mão nelles. esta festa se ordena em campidolio donde todos sahem hum diante doutro. E segue os muita Jente darmas Resprandçentes E o senador [.] conseruadores [.] coporiões. E todolos outros nobres çidadões os quaes vão apee. (...) hee cousa Real pera ver.”<sup>34</sup>

O testemunho escrito do incógnito observador luso dá a plena noção do animado Carnaval romano, bem como do elevado grau de participação do vértice – laico e clerical – da hierarquia social da cidade:

“este dia comem os cardeaes E os senhores Romanos aquelle manjar de çezilia que se chama macarone o qual hee feito de massa de queijo. E mandam huns aos outros grandes baços daquella Jguaria como as comadres fazem em portugual com suas filhos douos. todos aquellos dias atee o entuido se despendem E passam em prazeres fazendo muitas envenções de mascaras Ricas de grandes despesas, príncipalmente no dia dentruado em que feneçem por aquelle ano.”<sup>35</sup>

Das cortesãs aos cardeais, passando pelos judeus, é toda uma diversificada comunidade humana (e respectivas actividades profissionais e sectores económicos) que se envolve num mesmo momento de celebração, de desregramento e desordem<sup>36</sup>:

“as molheres nam ficam fiando na Roca, diguo as cortezãas. hee cousa de espantar ver a multidão dellas E os guastos que com ellas se fazem.”<sup>37</sup>

Ninguém fica de fora e nada nas festas do Carnaval romano é deixado ao acaso. Com efeito, não é fortuita a declaração do autor de que “em aquelle ano que era o segundo do pontificado do papa [Leão X] E o primeiro das mascaras fizeram cardeaes E outros prelados E senhores, grandes guastos nellas por honRAR a corte E aprazer ao papa.”<sup>38</sup>

---

<sup>32</sup> Para, em sentido lato, aprofundar o tema das festividades em Roma e no mundo renascentista em geral consulte-se Albert PIETTE, *Les jeux de la fête*, Paris, Publication de la Sorbonne, 1988; Giovanni ATTOLINI, *Teatro e spettacolo nel Rinascimento*, Bari, Laterza, 1988; Jean JACQUOT (ed.), *Les fêtes de la Renaissance*, 3 vols., Paris, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1973-75; Jan VAN GOUDOEVER, *Fêtes et calendrier bibliques*, Paris, Beauchesne, 1967; Philippe ARIÈS, Jean-Claude MARGOLIN (ed.), *Les jeux à la Renaissance: actes du XXIII Colloque international d'Études Humanistes*, Paris, J. Vrin, 1982 ; Roy STRONG, *Les fêtes de la Renaissance*, Arles, Actes Sud, 1991.

<sup>33</sup> Veja-se Alfredo PROIA, *Roma nel Rinascimento*, Roma, Tipografia Agostiniana, 1933..

<sup>34</sup> *Memórias*, fl. 182r.

<sup>35</sup> *Memórias*, fl. 182v.

<sup>36</sup> Cf. Maria J. TELES, M. Leonor CRUZ, S. Marta PINHEIRO, *O discurso carnavalesco em Gil Vicente: no âmbito de uma história das mentalidades*, Lisboa, GEC, 1984.

<sup>37</sup> *Memórias*, fl. 183v.

<sup>38</sup> *Memórias*, fl. 181v.

Roma é uma cidade múltipla e heterogênea, quer do ponto de vista humano e demográfico, quer em termos sociais, políticos e culturais<sup>39</sup>. É precisamente essa diversidade – e respectivo cosmopolitismo – que lhe garante um tão singular cunho civilizacional, em grande medida causa e consequência do humanismo e do seu pano de fundo, o Renascimento. O autor revela-nos esta condição pelo clamor do colectivo júbilo carnavalesco:

“E [assim] se faz a festa de monte trastacho o qual monte hee bem alto E Jngreme. (...) naquelle campo se aJuntão naquelle dia grandissima multidão de Jente. E a festa hee ordenada na maneira seguinte [.] sobem os Romanos a aquelle monte çertos touros os mais bravos que se achão E çertas carretas nas quaes poem paleos de pano de sorte de londres. o senador E conseruadores E caporiões se vão diante ao dito campo com muita Jente mui armada de luzentes armas E poem os paleos Ricos no luguar acostumado. vem Jssso mesmo os cavalos que hão de coRer E são postos na outra parte do campo mui longe dos paleos. a Jente armada se põe em ordenança. E assi toda a outra multidão. E primeiramente se coRe o paleo de borcado que hee forrado darminhos, o quall coRem os caualos barbaros que são huma casta de caualos que nam haa nestas partes de espanha. são caualos altipernos de mui pequena barrigua, o pescoço comprido E tem as ventãas fendidas. E são ligeiros mais que outra nação de caualos [.] vão cubertos de pano das cores de seus donos, scilicet, corpos, pescoços, cabeças. E a cubertura Justa A mesura do caualo. coRem nos em osso mossos de mui pequena Jdade que faz duuida crer se poderen se ter, os quaes vão vestidos de seda com as armas de seus senhores brosladas diante E detras nas costas. leuam cascos daçeiro nas cabeças por que se nam firam se acontecer de cahir. estes são tam ensinados que guovernam seus caualos que nam sayam da caReira [.] E chegando ao paleo, o que primeiro lhe põe a mão ho ganha. E o senador que estaa presente lho Julgua, E o daa a hum de caualo da parte do que vence, o qual toma o paleo nas mãos E o leua perante a Jente. E o menino vai nas ancas deste bradando o apelido de seu senhor. esta mesma ordem se tem nos ginetes E nas eguoas, E nos caualos turcos que se coRem aquelle dia. o paleo dos ginetes hee de veludo cremesim E os das eguoas de damasco verde. os tres primeiros ganharam aquelle ano os caualos do cardeal de sena, scilicet, o de borcado E os de veludo E çetim. acabado de correr os sobreditos paleos soltaram os touros E os fazem abaixar do monte. E atras delles deitam as caRetas, as quaes deçem com tam grande Jmpeto que se açertam de dar nos touros, vem todos Juntos ao chão onde são Reçebidos de multidão de Jente, scilicet, os touros são alaçeados dos de caualo, E os de pee vanse As carretas com as espadas sacadas pera aver os paleos E cortamnos em pedaços leuando cada hum quanto maes pode. mesturasse a Jente de tal maneira que parece batalha trauada.”<sup>40</sup>

Na festa carnavalesca participam nobres, clérigos e elementos do povo. Homens e mulheres. Nativos e forasteiros. Sem dúvida, esta é uma das grandes atracções que torna a vida romana e a urbe que lhe serve de cenário um horizonte de felicidade terrena para o homem europeu<sup>41</sup>:

“do tempo antiguo acostumam os Romanos fazer oito dias ante do entrudo, grandes festas. E todos estes oito dias quasi se coRem paleos, os quaes estão fixados Junto dos paços do

---

<sup>39</sup> Para um melhor desenvolvimento do tema da sociedade romana na viragem da Idade Média para a Modernidade consulte-se Egmont LEE (a cura di), *La popolazione di Roma nel Rinascimento*, Roma, Università La Sapienza, 2006; Peter PARTNER, *Renaissance Rome 1500-1559: A Portrait of a Society*, Los Angeles, University of California Press, 1979; Pietro PASCHINI, *Roma nel Rinascimento*, Bologna, Cappelli, 1940.

<sup>40</sup> *Memórias*, fls. 182v. e 183r.

<sup>41</sup> Veja-se Claude GAIGNEBET, Marie-Claude FLORENTIN, *Le Carnaval, essais de mythologie populaire*, Paris, Payot, 1974; Claude LÉVI-STRAUSS, *La voie des masques. Edition revue, augmentée et rallongée de trois excursions*, Paris, Plon, 1979; Emmanuel Le Roy LADURIE, *Le Carnaval de Romans. De la Chandeleur au Mercredi des cendres 1579-1580*, Paris, Gallimard, 1979.

papa. E os que coRem saem do campo de frol, E coRem toda a Rua de bancos E passam ha ponte adriana ou de santangelo E a Rua alexandrina E terreiro que estaa diante da JgreJa de são pero atee chegar ao paleo. E aquelle que o primeiro toca com a mão, ho leua. E o senador de Roma que estaa presente ho daa. E o vencedor torna polas sobreditas Ruas com seu paleo aleuantado triunfando da vitoria que ouve E per totalas outras de Roma.”<sup>42</sup>

Pela voz do viajante flaviense sentimos, de facto, o deslumbramento pelas cerimónias e mergulhamos no entusiasmo das festas. A sua descrição tão movimentada quanto colorida e pormenorizada coloca-nos bem no centro do fervilhar do povo e da alegria contagiante dos senhores laicos e religiosos: “os senhores barões E cidadãos quanto são maiores, mais E maiores envençoens fazem.”<sup>43</sup>

Noutra vertente, como o autor no-lo indica através da sua própria experiência, as festividades carnavalescas na capital da Cristandade esbatem a tradicional fronteira entre o público e o privado<sup>44</sup>:

“E acabadas as sobreditas festas Recolhense ao pouoado As suas casas onde as çeas lhes estão aparelhadas com grande abastança de totalas cousas neçessarias pera orar ao deus baco. deixando os grandes senhores, hee pera por espanto o guasto das cortesãs naquelle dia. E pera eu melhor poder dar fee desta festa bacanal açitei huma çea em semelhante dia de hum cortesão meu amigo em casa de huma fermosa cortesã sua namorada. E deixando seus panos darmar E seu estado E Rica cama E todos os outros cumprimentos de casa, a çea foi comprida E abastada de Jguarias, scilicet, de aues E outros manJares onde nam faltaram feisões, escarnas, capões, gualinhas, cabritos, vitela, E tortas de muito custo. E singulares vinhos corços, E greguos. E com Jsto mesturado muito prazer, da qual cousa eu estava marauilhado, por ser aJnda nouo na terra. Jsto se faz assi geralmente por toda Roma.”<sup>45</sup>

Os prazeres são múltiplos e o fausto sem limites. Não surpreende, pois, o deslumbramento do visitante, que não deixa inclusive de destacar o louvável pormenor «moral» que acompanha tamanhos excessos e que, de alguma forma, funciona como indulgência para com os mesmos:

“E o que destas çeas sobeJa se daa a muitos pobres enverguonhados que vão aquelle noite pollas Ruas bradando pedindo esmola que os sustenta parte da coresma. E assi feneçem as sobreditas festas das mascaras.”<sup>46</sup>

A dado momento das festividades carnavalescas inclusive o código normativo relativo ao porte de armas – questão central numa cidade com os problemas de violência civil de Roma – beneficia de um estatuto de excepção:

“o senador E os Romanos com sua Jente armada estão quedos em seus luguares, E os que andão na escaramuça dos touros são os das mascaras de cauallo. E os de baixa sorte se vão As carretas naquelle dia [...] podem as mascaras trazer armas por Respeito do aJuntamento E do lugar ser tão apartado do pouoado de Roma. E em outro nenhum dia nam podem trazer armas nenhuma, nem paaou nem outra cousa com que se presuma que possam fazer a

---

<sup>42</sup> *Memórias*, fl. 181v.

<sup>43</sup> *Memórias*, fl. 183v.

<sup>44</sup> Consulte-se Franco CASTELLI, Piercarlo GRIMALDI, *Maschere e corpi. Tempi e luoghi del Carnevale*, Roma, Meltemi, 1997; J. CARO BAROJA, *El Carnaval: analisis historico-cultural*, Madrid, Taurus, 1965; Luigi MANZONI, *Libro di carnevale dei secoli XV e XVI*, [Ripr. facs. dell'ed. Bologna, Romagnoli, 1881], Bologna, Commissione per i testi di lingua, 1968; Pier Pietro BRUNELLI, *Carnevale e psiche*, Bergamo, Moretti & Vitali, 2008.

<sup>45</sup> *Memórias*, fl. 184r.

<sup>46</sup> *Memórias*, fl. 184r.

outro ofensa alguma. [...] nom se escusam cardeaes mançebos E todolos outros estados de prelados tomando prazer sometendo suas dinidades E grandes estados debaixo de huma pequena mascara.”<sup>47</sup>

No Carnaval esbatem-se igualmente dicotomias distintivas da sociedade romana, como a verificada entre as cortesãs<sup>48</sup> e as “mulheres pubriças”, ou seja, as prostitutas de rua ou de bordel. Universos antagônicos no mundo social (feminino) romano, elas surgem porém nas mesmas festividades carnavalescas e partilhando o mesmo sentimento geral de alegria e celebração: “aquelle ano ouve novidades de paleos, scilicet, de bufalos, de asnos, de Judeus, de mulheres pubriças.”<sup>49</sup>

Neste quadro festivo é permitida a troca de identidades e de gêneros. A ordem do mundo e a disposição natural das coisas tornam-se assim passíveis de serem invertidas<sup>50</sup>:

“E nestas festas as mulheres tomam habito domem, E os homens das molheres. chamase huma soo mascara quando muitos são vestidos de huma liuree ou envenção. E quando se fazem a caualo o moor louvor dellas hee, alem de serem os vestidos de huma sorte, serem os corpos de huma mensura E estatura, E os caualos ou mulas de huma mesma cor, E as guarnições sem discrepar. E o mesmo se entende nos que andam apee.”<sup>51</sup>

No Carnaval da aurora de Quinhentos, a mulher romana (tal como a veneziana<sup>52</sup>) goza de uma liberdade difícil de igualar na Cristandade:

“as mulheres acostumam trazer na mão huma mui sutil E branca vara com a qual tocam os que estão sem mascaras querendo os fauoreçer. trazem Jsso mesmo cascas douos cheas de mui cheirosas agoas com que dão As pessoas que amam. E este hee grande fauor. as musicas, danças, comédias, E outros modos de prazer que buscam nom se podem dizer. por que a Jente hee muita E Rica, E as envenções de folguar muitas em demasia.”<sup>53</sup>

---

<sup>47</sup> *Memórias*, fls. 183r. e 184v.

<sup>48</sup> No presente texto, a designação «cortesã» reporta ao sentido original do vocábulo, que englobava a noção central e fundadora de «dama de corte», e não ao sentido muito preciso e irreversível que o mesmo acabou por tomar na língua portuguesa.

<sup>49</sup> *Memórias*, fl. 182r.

<sup>50</sup> Veja-se Carlos F. Clamote CARRETO (coord.), *O carnaval na Idade Média: discursos, imagens, realidades. Actas do Colóquio Internacional. Instituto Açoriano de Cultura e Universidade Aberta (org.)*, Angra do Heroísmo/Lisboa, Instituto Açoriano de Cultura/Universidade Aberta, 2008; Maria José PALLA, “Le Carnaval, le Parvo et le monde à l’envers dans l’oeuvre Gil Vicente” in *Carnival and the Carnivalesque: The Fool, the Reformer, the Wildman, and Others in Early Modern Theatre*, Konrad Eisenbichler & Wim Hüskens (eds.), Amsterdam Atlanta, Editions Rodopi [Ludus: Medieval and Early Renaissance Theatre and drama, 4], 1999, pp. 165-182; Marie-Pascale MALLÉ (ed.), *Le monde à l’envers. Carnivals et mascarades d’Europe et de Méditerranée. Marseille 26 mars-25 août 2014, Binche 25 janvier-juin 2015*, Paris/Marseille, Flammarion/MuCEM, 2014.

<sup>51</sup> *Memórias*, fl. 183v.

<sup>52</sup> Para aprofundar a problemática tão rica quanto complexa e multifacetada do Carnaval veneziano na época do Renascimento consulte-se Alessandro SAVELLA, *Le carnaval de Venise*, Milan, Amilcar Pizzi Ed., 1986; Danilo REATO, *Storia del carnevale di Venezia*, Venice, 1988; Eugenio VITTORIA, *Venezia festa del Carnevale. Origine e storia*, Venezia, EVI, 1980; Gilles BERTRAND, *Histoire du carnaval de Venise. XIème-XXIème siècle*, Paris, Pygmalion. Estudo igualmente importante a este nível, mas tendo por pano de fundo a realidade napolitana é a obra de D. SCAFOGLIO, *Il carnevale napoletano: storia, maschere et rituali del XVI al XIX secolo*, Roma, 1997.

<sup>53</sup> *Memórias*, fl. 183v.

O Renascimento criou uma nova visão de feminilidade, não isenta de ambiguidade, e traz para a luz uma «nova mulher»<sup>54</sup>, apesar de não podermos esquecer o «peso» milenar de imagens, funções sociais e limites ideológicos que continuam associados ao sexo feminino. Roma, juntamente com Veneza, é provavelmente o espaço onde este processo ganha maior dimensão e fulgor<sup>55</sup>.

A posição e conduta femininas já não são passivas; pelo contrário. A mulher busca o seu espaço e a sua autonomia sempre que pode. Ela ocupa, sem dúvida, um lugar preeminente na sociedade de corte da época.

No Renascimento, em particular em Itália e muito em virtude da liberalização da educação e do saber decorrentes da ampla circulação do livro impresso, a mulher conheceu um singular movimento de emancipação em relação aos parâmetros sociais e culturais que predominavam nos séculos anteriores<sup>56</sup>, embora sem que possamos, evidentemente, dele fazer um quadro generalizável. De tal estado de coisas dão as *Memórias* um expressivo e colorido retrato, sobretudo através da figura da cortesã e muito particularmente tendo por pano de fundo os festejos carnavalescos.

É certo que a partir dos finais do Renascimento, a fixidez dos papéis sexualmente definidos da mulher foi reafirmada a todos os níveis da sociedade e da cultura, não tendo, em consequência, a condição feminina progredido de forma global, antes se encaminhado novamente para um progressivo declínio – tal é, pelo menos, a pessimista visão de Margaret King sobre a mulher do Renascimento<sup>57</sup>.

Encetadas pela Contra-Reforma, a reafirmação dos princípios da doutrina católica e a severa vigilância sobre o comportamento moral dos fiéis tiveram, em relação ao lugar da mulher na sociedade, tal cenário como resultado. Todavia, nos primórdios de Quinhentos e ainda que implicitamente associada aos costumes e à mundanidade da vida urbana, a mulher romana, em particular a cortesã, surge detentora de raro poder e singular capacidade de manobra<sup>58</sup>.

Mas o momento alto da representação da complexidade da figura do Carnaval romano verifica-se no quadro da referência pelo autor ao comportamento e ao vestuário adoptados pelas mulheres aquando do início da Quaresma, por comparação ao revelado durante o período imediatamente anterior do entrudo:

“Como o papa diz missa A quarta feira deçinza. E os cardeas vão Juntos A primeira estação. E das molheres Romanas E seus traJos.

A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeas E outros prelados vão ao sacro palácio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem totalas Romanas com seus honestos traJos, E mais gentis E que bem pareçem que totalas outras nações,

---

<sup>54</sup> Cf. Gaia SERVADIO, *Renaissance woman*, New York, I.B.Tauris, 2005; Mary ROGERS, Paola TINAGLI, *Women in Italy, 1350-1650. Ideals and realities: a sourcebook*, Manchester, Manchester University Press, 2005.

<sup>55</sup> Cf. Letizia PANIZZA, *Women in Italian Renaissance culture and society*, London, European Humanities Research Centre, 2000; Sarah Gwyneth ROSS, *The birth of feminism: woman as intellect in Renaissance Italy and England*, Harvard, Harvard University Press, 2009.

<sup>56</sup> Cf. Gissie C. FAIRCHILD, *Women in early modern Europe, 1500-1700*, Cambridge, Pearson Education, 2007; Gaia SERVADIO, *Renaissance woman*, op. cit., 2005.

<sup>57</sup> Cf. Margaret L. KING, “A Mulher Renascentista” in *O Homem Renascentista*, Eugenio Garin (dir.), Editorial Presença, Lisboa, 1991, pp. 191-227.

<sup>58</sup> Cf. Lynne LAWNER, *Le cortigiane: ritratti del Rinascimento*, Milano, Rizzoli, 1988; Paul LARIVAILLE, *La vie quotidienne des courtisanes en Italie au temps de la renaissance (Rome et Venise, XV et XVI siècles)*, Paris, Hachette, 1975; Idem, *Le cortigiane nell'Italia del Rinascimento: Roma e Venezia nei secoli 15 e 16*, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, 2000; Pierre RODOCANACHI, *Cortigiane e buffoni di Roma: studio dei costumi romani del 16. Secolo*, Bologna, Li Causi, 1983.

enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancraçio na via de çiuita velha. nesta multidão de Romanas hee cousa de marauilhar os fermosos E honestos Rostros que se vem. E muito mais hee despantar a pouca pompo com que sahem de suas casas E se vão por aquelles desertos de Roma com tanta deuação buscando sua saluação. por honrradas E Ricas que seJam nom leuam consiguo homens nem donzelas que as acompanhem. aJuntanse humas vezinhas ou parentas humas com as outras, E de duas em duas Jgualmente vão fazendo suas Romarias, de sorte que nam se enxergua qual hee a maior da menor. E a esta deuação vão tantas quantas diguo que cobrem os caminhos. seus vestidos são na maneira seguinte. em lugar de mantilhas andam cubertas de pano de linho mui aluo E delguado. cobrense com hum lençol dos hombros pera baixo atado per Jentil maneira debaixo dos braços que lhes cobre todas as vestes. E por çima das cabeças hum pano ou toalha sem nenhum lauor ancha E comprida que lhes cobre os hombros E braços, E grande parte do sobredito lençol, a qual aJuntão no peito com as mãos que geralmente tem mui fermosas nas quaes nam trazem luvas nem anees. leuão os Rostos cubertos ata o meo nariz de sorte que passando a molher Junto de seu marido nam pode ser delle conhecida se se ella quiser encobrir. mas quando lhe apraz abrem seu pano, E amostram os peitos que debaixo trazem fermosos E mui descubertos [,] E finas sedas E grãs de que andam vestidas. os quaes vestidos na são de Rabos como os que se acostumam em portugual, mas compridos E Redondos quanto cobrem os pantufos ataa o chão. E sem nenhum verduguo nos Refeguos. trazem calças de piar mui finas E Justas, E nom cahidas E de grosso pano como as castelhanas. nom acostumam chapins, soamente sobre o pear huns mui baixos E bem feitos çapatinhos E pantufos. quando acontece coRer vento enchense os lençoes que pareçem velas, E os vestidos debaixo se mostram de maneira que vão pareçendo tam bem que nenhum outro traJo pode ser mais gentill. nenhuma filha de Romana, nam sahe fora em quanto nam hee esposada. E as que ho são, vão com suas mãis As estações, E vão diante E as mais detras vão Ricamente vestidas. E trazem soamente a toalha da cabeça em lugar de mantilha, E todolos outros vestidos descubertos. algumas senhoras de vilas E terras em quanto são moças trazem mantilhas de pano como em portugual. E então nam vão a nenhuma parte sem homens diante de si. E despois que tomão os lençoes vão soos da maneira sobredita.”<sup>59</sup>

Esta figuração específica do Carnaval romano no final do século XV e início do século XVI, aponta para uma concepção dual da *felicidade*, que podemos considerar representativa do quadro mental coevo no coração da Cristandade: por um lado, a *felicidade terrena* e a consequente valorização do elemento humano, quer pela exploração dos prazeres físicos e mundanos, quer pelo aproveitamento e manipulação política do fenómeno por parte de quem detém o poder; por outro, a forma como, num segundo momento, esta felicidade profana se impõe como condição fundamental para a plena operacionalidade da *felicidade sagrada*, ou seja, a felicidade por excelência. Dito de outro modo, se a ascese é a busca do aperfeiçoamento espiritual através do afastamento do mundo e da renúncia aos prazeres associados à vida terrena, neste contexto espaço-temporal específico, ou seja, o coração da Cristandade na aurora de Quinhentos, é precisamente pela presença da apoteose do inverso numa primeira fase que ela se concretiza.

Reside aqui, em nossa perspectiva, a originalidade da concepção de *felicidade* em Roma neste período. Premissa tanto mais válida quanto estarmos perante uma experiência individual e colectiva, que se define pela harmoniosa coerência entre as esferas do público e do privado e por uma clara ausência de antagonismo entre as instituições do espiritual e todos os grupos sociais envolvidos.

Pelo Carnaval e consequentes excessos festivos, toda a sociedade romana acede à *felicidade*, quer enquanto meta ou ideal humano em relação ao mundo terreno, quer na qualidade de realização espiritual plena.

---

<sup>59</sup> *Memórias*, fls. 184r. a 185r.

Trata-se, saliente-se, de um estado temporário – breve –, o qual, considerado num nível puramente humano, representa uma idade de ouro no monótono calendário da vida quotidiana (se é que é possível, em qualquer nível, caracterizar como monótona a vida romana da época). Por outras palavras, trata-se da concretização momentânea de uma utopia: a de uma sociedade sem classes e sem géneros, onde o lúdico e a fruição plena dos sentidos ganham contornos de um estado equivalente ao paradisíaco.

Um momento, em suma, de suspensão, que transporta o homem coevo para o mundo da felicidade plena, na medida em que após a suprema alegria terrena – e precisamente devido à sua acção, que funciona afinal como *leitmotiv* – vem seguramente a fortuna e o absoluto contentamento espiritual. Ou seja, o contrário do que acontece no restante calendário cristão, onde o desregramento, o caos e a desordem equivalem sempre a uma penalização na esfera do sagrado. Ora, durante o Carnaval e no momento da passagem deste para a Quaresma é o perfeito oposto que acontece: a felicidade do espírito alcança a plenitude precisamente graças ao desgoverno, à libertinagem e ao tumulto trazidos pela felicidade terrena<sup>60</sup>.

Daí que a experiência vivencial do mundo às avessas – *il mondo a la roveschia* – veiculada pelo Carnaval romano nos alvares da época Moderna, só adquire valor epistemológico se lhe juntarmos uma premissa fundadora: a felicidade<sup>61</sup>.

Concluindo, enquanto ruptura com o quotidiano<sup>62</sup>, o calendário que antecede a Quaresma em Roma é preenchido por um movimento festivo que ultrapassa diferenças sociais, de género e inclusive de religião e «nacionalidade». Neste tempo de excepção, o habitante da Roma quinhentista (nativo ou forasteiro) opera uma deslocação física e mental para um universo diferenciado do do seu dia-a-dia, um universo «emocional» directamente associado à experiência dos sentidos e que se pode resumir numa palavra: felicidade.

A euforia socializada do Carnaval romano, oficialmente sancionada, bem como a energia com que é aproveitada a situação festiva *per se* reflecte a alegria e devoção absolutas com que uma comunidade participa num acto desconsagrado – com peças e carros alegóricos, música ruidosa, danças e máscaras exuberantes, jogos, trajes exóticos, alimento e bebida em quantidades extraordinárias – que na essência representa a desordem na ordem. Os temas daquela que é a mais excitada de todas as festividades mostram a absoluta alegria de virar o mundo de pernas para o ar por alguns dias, precisamente os dias antes da Quaresma, o momento mais sagrado do calendário cristão, que, afinal, só maximiza a sua operacionalidade enquanto catalisador do absoluto espiritual se tiver o Carnaval a anteceder-lo.

A felicidade espiritual, suprema por definição, apresenta, pois, como condição para a sua plenitude a desregrada, enlouquecida e completamente fora de ordem felicidade terrena veiculada em absoluto pelo *Carnevale*. A *Ordem* necessita do *Caos* para legitimar a sua natureza e a sua funcionalidade. O triunfo do espírito depende do triunfo do corpo, na medida em que este constitui a máxima expressão do festejo carnavalesco.

Como o relato do viajante flaviense nos informa, e apenas durante uma baliza temporal rigorosamente determinada, o lúdico impõe-se como o incontornável garante da operacional-

---

<sup>60</sup> Veja-se Martine GRINBERG, Sam KINSER, “Les combats de Carnaval et de Carême: trajets d’une métaphore” in *Annales: Économies, sociétés et civilisations*, n. 38, 1983, pp. 65-98.

<sup>61</sup> Consulte-se Alessandro ARCANGELI, *Passatempi rinascimentali: storia culturale del divertimento in Europa, secoli 15.-17.*, Roma, Carocci, 2004; Claude-Gilbert DUBOIS, *L’Imaginaire de la Renaissance*, Paris, PUF, 1985; Mikhail BAKHTIN, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*, São Paulo, HUCITEC, 1987; Peter BURKE, *El Renacimiento Italiano. Cultura y Sociedad en Italia*, Madrid, Alianza, 1993; Idem, *La cultura popular en la Europa moderna*, Madrid, Alianza Editorial, 1991.

<sup>62</sup> Veja-se Abel LEFRANC, *A Vida Quotidiana no Tempo do Renascimento*, Lisboa, Livros do Brasil, 1966; Elizabeth S. COHEN, Thomas V. COHEN, *Daily life in Renaissance Italy*, Westport, Greenwood Press, 2001; Paul LARIVAILLE, *La vita quotidiana in Italia ai tempi di Machiavelli (Firenze e Roma)*, Milano, Rizzoli, 1995; Peter BURKE, *Scene di vita quotidiana nell’Italia moderna*, Roma-Bari, Laterza, 1988.

lidade do espiritual. Existirá melhor prova desta premissa que a própria definição de *Quarta-feira de Cinzas* enquanto momento exclusivamente dedicado à expiação dos pecados, à reflexão sobre o dever da mudança de vida e ao arrependimento? E que ocorre um dia após o Carnaval, ao mesmo tempo que representa o primeiro dia da Quaresma?

“A quarta feira seguinte dia de çinza os cardeaes E outros prelados vão ao sacro palácio, E o papa diz missa, E daa a çinza E benção a todos os que a querem hir tomar. (...) neste primeiro dia da coresma çessam os triunfos das cortezãas. E pareçem todalas Romanas com seus honestos traços, E mais gentis E que bem pareçem que todalas outras nações, enchendo os caminhos E Ruas todolos dias, da coresma atee dia da pascoela que hee a vltima estação a são pancração na via de çiuita velha.”<sup>63</sup>

Num derradeiro apontamento, e independentemente do «eterno» debate acerca da origem do nome *Carnaval*, é a noção de felicidade, temporal e espiritual, terrestre e celeste, que inscreve a cultura carnavalesca no âmbito daquilo que parece de facto ser o seu verdadeiro quadro de inserção: a religião cristã<sup>64</sup>.

Não é, pois, de estranhar o papel decisivo que o entrudo desempenha na construção da ideia de Roma como miragem para o homem europeu, em particular o cristão. Falamos muito concretamente da *Mirabilia Urbis Romae*, dimensão superlativa na qual o Carnaval assume um destacado protagonismo enquanto «extraordinária maravilha» da cidade dourada<sup>65</sup>; a mesma que insiste, ainda e sempre, em prefigurar-se como centro orientador dos destinos da Cristandade, quer no sentido puramente espiritual quer em termos de uma mundividência mais cosmopolita e temporal.

---

<sup>63</sup> *Memórias*, fls. 184r. e 184v.

<sup>64</sup> Cf. Georges DUBY, *Para Uma História das Mentalidades*, Lisboa, Terramar, 1999; Lucien FEBVRE, *O Problema da Descrença no Século XVI: a Religião de Rabelais*, Lisboa, Ed. Início, 1971; Roger CHARTIER, *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 1988.

<sup>65</sup> Consideramos que a definição de Jacques Le Goff relativamente ao termo *mirabilia* é reveladora da especificidade e complexidade deste no imaginário do homem medieval e dos primórdios da modernidade: “Em contrapartida, interrogo-me sobre se existiria no mundo muçulmano um termo que, *mutatis mutandis*, correspondesse ao que nós chamamos maravilhoso. O Ocidente medieval possuía um termo para isso. No tocante à cultura ‘erudita’, o termo *mirabilis* era empregado na Idade Média e tinha, aproximadamente, o mesmo sentido. (...) Naquilo que corresponde ao nosso ‘maravilhoso’, e onde nós vemos uma categoria – categoria do espírito ou da literatura –, viam os dérgos da Idade Média (e aqueles que deles recebiam a informação e a formação) um universo sem dúvidas, o que é muito importante, mas um universo de objectos: mais uma colecção do que uma categoria. (...) Os *mirabilia* não se limitam a coisas que o homem admira com os olhos (...), pois é todo um imaginário que se pode ordenar em volta desse apelo a um sentido, o da vista, e de uma série de imagens e de metáforas visuais.” in Jacques LE GOFF, *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 46.